

caderno de leituras n.137

série *intempestiva*

# carta das zapatistas às mulheres que lutam no mundo

as mulheres  
zapatistas

tradução  
clarissa xavier



**nota das  
editoras**

O texto em espanhol – “Carta de las zapatistas a las mujeres que luchan en el mundo” – está disponível gratuitamente nos arquivos do Enlace Zapatista:

<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2019/02/11/carta-de-las-zapatistas-a-las-mujeres-que-luchan-en-el-mundo/>

**EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.  
MÉXICO.****Fevereiro de 2019.**

De: As mulheres zapatistas.

Para: As mulheres que lutam no mundo inteiro.

Irmã, companheira,

Nós, mulheres zapatistas, saudamos você como mulheres de lutas que somos todas.

O que queremos dizer ou avisar é um pouco triste: viemos comunicar que neste março de 2019 não poderemos organizar o II Encuentro Internacional de Mujeres que Luchan aqui em nossas terras zapatistas.

Talvez você já saiba o motivo, se não sabe, podemos te explicar melhor:

Acontece que os novos maus governos já deixaram claro que vão realizar os megaprojetos dos grandes capitalistas. O Tren Maya, o plano para o Istmo de Tehuantepec e o cultivo de árvores para o comércio de madeira e fruta. Também disse que podem entrar mineradoras e empresas do agronegócio. Além disso, eles têm um plano agrário que leva a cabo a ideia de nos destruir como povos originários, ao converter as nossas terras em mercadorias. Querem completar o que Carlos Salinas de Gortari deixou pendente quando o detivemos com nosso levante.

Esses projetos, portanto, são de destruição. Não importa o quanto o queiram esconder com suas mentiras. Não importa por quanto multipliquem seus 30 milhões de apoios. A verdade é que eles estão vindo com tudo contra os povos originários, suas comunidades, suas terras, suas montanhas, seus rios, seus animais, suas plantas e até suas pedras.

Ou seja, não é só contra nós, zapatistas, que eles vêm, mas contra todas as mulheres que eles creem ser indígenas. Também estão contra os homens, mas neste momento de agora estamos falando como as mulheres que somos.

Querem que nossas terras não sejam mais para nós, mulheres e homens, mas para que os turistas venham passear e tenham seus grandes hotéis e restaurantes, e esses comércios necessários para que os turistas tenham todos esses luxos.

Querem que nossas terras se convertam em latifúndios produtores de madeiras preciosas, frutas e água; em minas para explorar o ouro, a prata, o urânio e todos os minerais que existem e que os capitalistas querem.

Querem que nós sejamos suas peoas, suas serventes, que vendamos nossa dignidade em troca de algumas moedas no fim do mês.

Porque esses capitalistas, e aqueles que lhes obedecem nos novos maus governos, pensam que o que queremos é pagamento.

Eles não conseguem entender que nós queremos a liberdade, não entendem que o pouco que conseguimos foi lutando sem que ninguém nos desse atenção, sem fotos, sem entrevistas, sem livros, sem consultas, sem pesquisas, sem votações, sem museus e sem mentiras.

Não entendem que o que eles chamam de “progresso” é uma mentira, que não podem sequer cuidar da segurança das mulheres, que continuam sendo agredidas, violadas e assassinadas em seus mundos progressistas ou reacionários.

Quantas mulheres foram assassinadas nesses mundos progressistas ou reacionários enquanto você lê essas palavras, irmã, companheira?

Talvez você saiba, mas lhe diremos que aqui, no território zapatista, nenhuma só mulher foi assassinada em muitos anos. Mas dizem que nós é que somos as atrasadas, ignorantes, as que valem pouca coisa.

Talvez não saibamos qual feminismo é o melhor, talvez não saibamos dizer “*cuerpa*”, ou qualquer outra nova palavra, o que é equidade de gênero ou essas coisas com tantas letras que não dá nem para contar. E nem mesmo acreditamos que seja coerente o conceito de “equidade de gênero”, porque só se fala de equidade entre mulheres e homens. Até nós, que somos vistas como ignorantes e atrasadas, sabemos

que existem pessoas que não são homens, nem mulheres, a quem chamamos de “otroas”, mas que essas pessoas se chamam como bem quiserem, e não foi fácil ganharem esse direito de serem o que são sem precisarem se esconder, porque são ridicularizadas, perseguidas, violentadas, assassinadas. E ainda por cima vamos obrigá-las a serem homens ou mulheres? A se colocarem de um lado ou do outro? Se essas pessoas não o querem, é errado não respeitar isso. Porque, então, como poderemos reclamar que não nos respeitam, como mulheres que somos, se nós não respeitamos essas pessoas? Pois bem, mas talvez estejamos falando de coisas que vimos em outros mundos e das quais não sabemos muito.

O que sabemos é que lutamos por nossa liberdade e que agora devemos lutar para defendê-la, para que nossas filhas e netas não sofram a mesma história de dor que sofreram nossas avós.

Devemos lutar para que não se repita a história na qual voltamos ao mundo em que só fazemos comida e parimos crias e logo as vemos crescer na humilhação, no desprezo e na morte.

Não fizemos nosso levante armado para voltar ao mesmo.

Não levamos 25 anos resistindo para agora passarmos a servir turistas, patrões e capatazes.

Não vamos deixar de ser promotoras da educação, da saúde, da cultura ou de ser autoridades, chefes, para passarmos a ser empregadas de hotéis e restaurantes, servindo a estranhos por uns poucos pesos. Não importa se são muitos ou poucos pesos, o que importa é que nossa dignidade não tem preço.

Porque é isso que querem, companheira, irmã, que em nossa própria terra nos transformemos em escravas que recebem esmola por deixarmos que destruam nossa comunidade.

Companheira, irmã:

Quando chegou nessas montanhas para o encontro de 2018 vimos que você nos olhava com respeito, e quem sabe com admiração. Ainda que nem todas tenham feito isso, porque já sabemos que algumas vieram para nos criticar e julgar. Mas isso não importa, porque sabemos que o mundo é grande e são muitas as formas de pensar e há quem entenda que nem todas podem fazer o mesmo, e há quem não o entenda. Isso nós respeitamos, companheira e irmã, porque o nosso encontro não foi para isso. Não nos reunimos para ver quem nos qualifica bem ou mal, mas para nos encontrarmos e sabermos que lutamos como mulheres que somos.

Assim, o que não queremos agora é que nos olhe com pena ou tristeza, como se fôssemos serventes a quem se dá ordens de forma boa ou ruim, ou como essas a quem se pechincha o preço dos produtos, que podem ser artesanatos, frutas ou verduras, ou o que for, assim como fazem as mulheres capitalistas. Aliás, essas só não pechincham quando vão comprar em seus centros comerciais, lá elas pagam o que os capitalistas dizem, e ainda ficam felizes.

Não, companheira, irmã, nós vamos lutar com tudo e com toda a nossa força contra esses *megaprojetos*. Se conquistarem essa terra, será sobre o nosso sangue, mulheres zapatistas.

Foi isso o que pensamos e é isso que vamos fazer.

De repente esses novos maus governos pensam ou acham que, como somos mulheres, vamos logo baixar a cabeça, obedecendo ao patrão e aos seus novos capatazes, porque acham que queremos um bom patrão e um bom pagamento.

Mas não é isso. O que queremos é a liberdade que ninguém nos concedeu, mas a que conquistamos lutando, inclusive com o nosso sangue.

Você acha que, quando vierem essas forças dos novos maus governos, seus paramilitares, suas guardas nacionais, vamos recebê-los com honras, agradecimentos, alegria?

Que nada, vamos recebê-los lutando e veremos se assim aprendem quem são as mulheres zapatistas, que não se vendem, não se rendem e não desistem.

Nós, durante o encontro de mulheres que lutam no ano passado, nos esforçamos para que você estivesse animada, feliz e segura, companheira e irmã. E ainda assim você fez muitas críticas: que a cama era muito dura, que a comida não era boa, que era muito cara, que isso, que aquilo. Bom, dissemos como trabalhamos e as críticas que recebemos.

E, mesmo com as queixas e críticas, você estava aqui segura, sem que os homens, maus ou bons, olhassem ou qualificassem você. Estivemos entre mulheres somente, você sabe.

E agora já não é seguro, porque sabemos que o capitalismo vem com tudo e não importa a que custo. E eles vão seguir com esse projeto porque sabem que muita gente os apoia e que podem cometer uma e outra barbáridade e ainda assim serão aplaudidos. Assim, eles vão nos atacando e revisando suas pesquisas para saber se continuam com bons números até que acabem conosco.

Enquanto escrevemos essa carta, já começaram os ataques dos paramilitares. São os mesmos que antes já foram do PRI, depois do PAN, em seguida do PRD, logo do PVEM e agora são de MORENA.

Então por isso viemos dizer, companheira e irmã, que não faremos aqui o Encontro, mas o façam em suas terras, à sua maneira e no seu tempo.

Mesmo que não possamos assistir, estaremos pensando em você.

Companheira, irmã:

Não pare de lutar. Mesmo que esses malditos capitalistas e seus novos maus governos se safem dessa e nos aniquilem, você tem que continuar lutando no seu mundo.

Porque no encontro concordamos que vamos lutar para que nenhuma só mulher, de nenhuma parte do mundo, tenha medo de ser mulher.

Assim, sua parte é sua parte, companheira e irmã, e ela cabe a você, como a nós cabe cuidar das terras zapatistas.

Esses novos maus governos acham que facilmente vão nos derrotar, que somos poucas e que ninguém nos apoia em outros mundos afora.

Bom, mas é o que temos, companheira e irmã, ainda que reste só uma de nós, é justamente essa que vai brigar para defender nossa liberdade.

E não temos medo, companheira e irmã.

Se não tínhamos medo há 25 anos, quando ninguém olhava para nós, não será agora que teremos, agora que você nos viu, bem ou mal, você já nos viu.



Companheira, irmã:

Bom, aqui deixamos por sua conta a pequena luz que te demos de presente.

Não deixe que ela se apague.

Mesmo que a nossa se apague com o nosso sangue, e mesmo que se apague em outras partes, você cuida da sua, mesmo em tempos tão difíceis como agora, temos que continuar sendo o que somos, e nós somos mulheres que lutam.

Isso é tudo, companheira e irmã. Resumindo: não vamos organizar o Encontro, ou seja, não vamos participar dele.

E, se fizerem o encontro no seu mundo e lhe perguntarem onde estão as zapatistas e por que não chegaram, conte a verdade, conte que as zapatistas estão lutando em seu rincão por sua liberdade, como mulheres que somos.

Isso é tudo, cuide-se aí, companheira e irmã.

Quem sabe logo já nos vemos de novo.

Talvez digam que você já não pensa nas zapatistas, porque elas já acabaram, que já não há zapatistas, eles dirão.

Mas, quando você pensar que já não há, que nos derrotaram, aí, sem que se dê conta, vai perceber que te olhamos, e que uma nós se aproxima e pergunta em seu ouvido para que apenas você ouça: *“Onde está então a luzinha que te demos?”*

Das montanhas do Sudeste Mexicano,

As Mulheres Zapatistas,  
Fevereiro de 2019.



Caderno de Leituras n.137  
série *intempestiva*

Carta das zapatistas às  
mulheres que lutam no mundo  
As Mulheres Zapatistas

**Edição e preparação de texto**  
Maria Carolina Fenati

**Tradução**  
Clarissa Xavier

**Revisão da tradução**  
Gabriela Albuquerque

**Revisão**  
Andrea Stahel

**Projeto gráfico**  
Mateus Acioli

**Coordenação da coleção**  
Luísa Rabello e  
Maria Carolina Fenati

Composto em Maax,  
desenhada por Damien  
Gautier para 205TF Foundry.

**Edições Chão da Feira**  
Belo Horizonte,  
novembro de 2021

Esta e outras publicações  
da editora estão disponíveis  
em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Este projeto foi realizado com recursos da Lei  
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Projeto 1094/2020

Incentivo



CULTURA

